

## ENTRE ESTUDANTES LGBTs NA FURG

Ana Elisa de Abreu Vargas; Fabio Rodrigues Vicente; Marcio Rodrigo Vale Caetano

*Universidade Federal do Rio Grande*  
*elisadeabreuv@gmail.com, fabio8rv@gmail.com,*  
*mrvcaetano@gmail.com.*

### **Ativismos e os movimentos sociais**

**Resumo:** No presente trabalho relato a construção do grupo Entre. Este se deu a partir de uma campanha contra a LGBTfobia, realizada na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Campus Carreiros, junto ao Nós do Sul: Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Identidades, Currículos e Culturas. Para esta campanha conseguimos reunir cerca de quinze estudantes LGBTs para conversar, não foi surpresa quando percebemos que além da campanha ser de grande importância, devido aos ataques que xs estudantes ainda sofrem dentro da universidade, também nos deparamos com a necessidade de compor um grupo onde pudéssemos ser quem somos, juntxs, sem julgamentos, falar de nossas experiências de vida, entre outras atividades de integração. Neste relato conto como se deu o desenvolvimento deste processo: dificuldades, impasses, emoções, ligações e trocas.

**Palavras-chave:** grupo, ativismo, LGBT, campanha, integração.

O presente documento tem por intenção falar da formação do En+re (Entre), um grupo LGBTQIA+ criado na Universidade Federal de Rio Grande (FURG), Campus Carreiros, em 2017 com o intuito de se tornar um espaço de convivência entre/para pessoas LGBTs dentro da Universidade.

O projeto começou através de uma campanha de enfrentamento contra a LGBTfobia, movida pelo Nós do Sul: Laboratório de Estudos e Pesquisa Sobre Identidades, Currículos e Culturas do Instituto de Educação da FURG, que teve por objetivo elaborar um vídeo com o tema: “BASTA DE LGBTFOBIA!” (Direção: Coletiva; Produção: Ana Elisa Abreu e João Neto; Direção de Fotografia e Edição: Fabio Rodrigues), dando um basta nas opressões sofridas pelxs estudantes, casos reais, alguns até vividos dentro da própria Universidade. Para tal, um encontro foi realizado no fim do mês de abril de 2017 que reuniu em torno de vinte voluntárixs para criar o roteiro e participar na atuação do vídeo. Neste encontro fizemos uma

atividade, onde todxs escreviam frases de LGBTfobia que já sofreram em um cartaz no chão, e em seguida, ao som de Pitty, rasgamos em conjunto o cartaz.

A atividade emocionou muito à todxs, pois trouxe lembranças de diversos momentos da vida de cada um(x) dxs envolvidxs, foi uma experiência linda, libertadora e que nos uniu naquele instante. Se tornou nítido que dentro de todxs nós havia a necessidade de criar um espaço onde essa interação pudesse acontecer mais vezes.

A partir de então, nos reunimos dentro do Laboratório Nós do Sul, juntamente com outrxs parceirxs, mas em especial meus dois colegas, companheiros e amigos Fabio Rodrigues e João Neto, coautores deste trabalho, e o coordenador Marcio Caetano. Começamos a firmar a ideia de como seria esse grupo, o que ele buscava, quem participaria, como seriam as atividades, etc.

A nossa proposta principal era a construção coletiva do grupo; a liberdade entre nós integrantes de podermos conversar sobre quaisquer assuntos que surgissem; a horizontalidade nas nossas relações no sentido de que ninguém era melhor do que ninguém, ali nós estávamos apenas por nos apoiarmos mútua e reciprocamente. A construção de cada encontro se deu através das trocas e das ideias de todxs que estivessem dispostxs.

Logo surgiu o primeiro nome do grupo “Entre LGBTs”, que com o passar dos encontros se transformou em “En+re”, com o intuito de simbolizar um espaço para somar pessoas, onde estas se sentissem livres para entrar. Além de cortar, na segunda nomenclatura, a questão da sigla, nesta em que sempre encontramos problemas de exclusão de pessoas que não se sentem contempladas, e o nosso intuito sempre foi incluir a todas as pessoas que se sentissem pertencentes ao grupo, inclusive no nome.

Foi decidido, então, que o grupo seria um espaço de convivência entre pessoas LGBTs(+), para que pudéssemos simplesmente ser e estar em um espaço com semelhantes, onde o entendimento e a aceitação fossem mútuos. Foi tudo muito rápido. Criamos ligações entre nós desde o primeiro encontro e só foi se fortificando a cada relato.

Os espaços contaram com momentos de trocas de informações acerca de temas do universo LGBTQIA+, através de leituras, vídeos, filmes, rodas de conversas, atividades corporais, teatrais, etc. Além de momentos de pura descontração, como danças, confraternizações e pequenas festas.

Foi um ano extremamente intenso para mim e grande parte das pessoas que participaram do Entre. Houveram dias em que eu estava sem ânimo para nada, me sentindo péssima, mas era

dia de Entre, e só por isso eu levantava: primeiro pela responsabilidade que sentia para/com aquelas pessoas que lá estariam, e segundo porque sabia que ao encontrá-las me sentiria muito melhor, por poder compartilhar tudo o que estava sentindo naquele momento, ouvi-las compartilhando suas dores, e também saber que, além de não estar sozinha, estava ajudando outras pessoas.

Foram inúmeras as dificuldades para encontrar uma sala fixa para as reuniões, assim como um horário que contemplasse a todxs, e acabamos fazendo os encontros em diversos locais. O primeiro encontro do Entre aconteceu em uma quarta-feira ao meio dia, contou com poucxs participantes, mas a troca foi muito intensa. O dia do Orgulho LGBT se aproximava, então neste encontro decidimos criar um evento para comemorá-lo e também divulgar o grupo. O evento se chamou “Vem Quem Quer”, e logo já evidenciou para quê veio (em seguida volto a mencionar este evento no texto).

Já no segundo encontro, cerca de vinte e cinco pessoas se reuniram para as atividades propostas. Fizemos uma grande roda de conversa, onde priorizamos (como de costume em todos os encontros) que cada integrante fizesse uma breve auto apresentação frisando o gênero com o qual gostaria de ser tratadx. Abordamos questões de autoconhecimento e autoaceitação, trabalhando elas também para/com xs companheirxs. Neste mesmo encontro trouxemos uma atividade do teatro, que exerce a confiança entre xs participantes, na qual é feito um pequeno círculo (cerca de cinco pessoas), uma pessoa fica no centro da roda completamente solta e de olhos fechados, sendo guiada pelas pessoas ao seu redor que vão levando seu corpo de um lado ao outro do círculo, sendo firmado apenas pelos braços das outras pessoas. Nesta noite nós saímos extremamente felizes e motivadx do encontro.

Logo após, quatro amigxs e eu pegamos o ônibus Cassino-Centro, no qual sofremos um grave assédio: homens, sentados espalhados um em cada par de bancos, nos olhavam, riam, se olhavam e conversavam entre si, mostravam coisas dentro de suas mochilas uns para os outros, batiam na palma da mão com uma chave de fenda, colocavam chaves entre os dedos e faziam gestos de socos, diziam coisas como “ainda bem que eu vim preparado hoje”, “estão pedindo”, etc. Nós, sem sabermos o que fazer, esperamos, até que uma mulher (a única que estava no ônibus sem ser nós ou os agressores) se levanta e desce na exata parada onde iríamos descer. Num salto todxs juntxs descemos com ela, parecia um milagre estarmos inteirxs naquele momento. Este fato nos mostrou a importância de permanecermos com os encontros, nos fortalecendo e mantendo-nos juntxs.

Ao longo dos meses tivemos encontros com três pessoas, vinte pessoas; a abordagem também ia mudando, o tipo de atividade que propúnhamos, os horários, os locais... Diversas foram as dificuldades, mas o que presenciávamos em todos os encontros era a entrega dxs integrantes, um ambiente que nos permitiu ser sincerxs e promoveu grande conexão entre xs envolvidxs, porque pessoas LGBTs em qualquer outro espaço, muitas vezes, são levadas a se limitarem, a disfarçarem, a se mascararem nas suas próprias casas, seja com a família ou com aquele colega de quarto opressor; diariamente andando com medo nas ruas; etc; na própria Universidade que se mostra um lugar onde convivem as mais distintas linhas de pensamentos, muitas vezes não é encontrado este espaço, e foi por isso que nós criamos o nosso espaço, e construímos coletivamente.

Juntxs é muito mais difícil de não sermos notadxs e respeitadxs. Exemplos que deixaram esta questão evidenciada foram os eventos abertos que organizamos para todxs xs estudantes da FURG, como foi o “Vem Quem Quer”. O próprio nome do evento já mostrava a intenção: liberdade para ir e vir, e ser quem somos. Nele, estudantes de diversos cursos construíram exposições de coisas que produzem como pinturas, roupas, comidas, fotografias, etc. A música e o ambiente descontraído atraíram inúmeras pessoas o dia todo, neste espaço que foi tão incomum dentro da Universidade, receptivo ao ponto de inclusive pessoas não LGBTs participarem.

Outro momento foi a performance na qual uma das integrantes do Entre entrava no Centro de Convivência (CC) da FURG com uma roupa toda rasgada, suja de sangue, gritando e perguntando o porquê de ninguém enxergá-la, o porquê das pessoas não entendê-la e não a aceitarem, até que ela caía no meio do CC e era coberta por uma bandeira gigante da diversidade.

Esta performance foi a abertura para a campanha contra LGBTfobia na FURG citada no início do texto, para a qual fizemos cartazes com integrantes do grupo e outrxs companheirxs; caixas pretas no estilo de urnas foram distribuídas, no intuito de serem um portal de denúncias, através do qual mapearíamos os maiores pontos de opressão e LGBTfobia dentro da FURG. Não tão espantoso, o resultado foi mais papéis com a Hashtag Bolsonaro 2018 do que as denúncias propriamente ditas, reflexo da sociedade em que vivemos e que também compõe a Universidade.

Durante o processo de formular como seriam os encontros tivemos vários empasses, principalmente por ainda não sermos profissionais nas áreas de educação, direito ou psicologia, por exemplo, e por sempre se tratar de um tema muito delicado que é a vida, acabamos sem recursos para suprir todas as necessidades que nos surgiram. E os problemas eram muitos. A cada novx integrante uma nova história de muita luta para permanecer vivx. Tivemos momentos de medo de estar errando; momentos de crise, de discussões, de pensar em desistir; momentos de excitação e alegria compartilhadas; momentos de dor, momentos de muito amor; e principalmente momentos de empatia, e foi essa mistura de sensações que nos deu forças para continuar com o projeto.

Durante as rodas de conversa, compartilhamos coisas muito além do que falaríamos em uma conversa casual, por muitas vezes senti como se estivesse em uma terapia de grupo com amigxs. Nos sentíamos muito livres e segurxs para falar sobre nossos medos e fragilidades. As maiores dificuldades que o grupo encontrou foi, principalmente, como auxiliar pessoas LGBTs que se encontravam em processos de (des)construção, o que xs deixavam repletxs de sentimentos muitas vezes incompreendidos por elxs mesmxs.

Final de 2017, chegou ao fim também o projeto Entre, o qual pretendemos dar continuidade num futuro próximo, desta vez com mais suporte técnico, e principalmente psicológico, para assim podermos amparar as necessidades dxs participantes. Pois sabemos que estes amparos que precisamos, muitas vezes não encontramos na Universidade, nem em outros órgãos públicos como a área da saúde.

**LGBTfobia mata! Sua omissão fortalece o ódio.**